



PARTIDA DOS APOSTOLOS.

O sacrificio está consummado. Para remir o genero humano o Filho do Homem acaba de expirar na cruz.

O divino Mestre já não está com os discipulos; radiante de graça, subiu ao seio de seu eterno pae.

Em quanto estavam sob a influencia e auctoridade da sua palavra, como haviam de elles apartar-se?

Com a morte do Mestre começou porém para elles uma vida nova.

São chegados os tempos, em que Ihes cumpre ir por toda a terra prégar a doutrina que Jesus Christo Ihes ensinára.

O Mestre voou á patria celeste; mas a sua caridade inflamma-Ihes os corações singelos e crentes; em suas almas ha a sua coragem e a sua força; de seus labios as palavras saem repassadas da eloquencia que só pode dar a verdade e a fé.

D'ora ávante cada discipulo será mestre tambem.

Cessem os gemidos, cessem os prantos junto do lenho do martyrio.

O dever, a santidade da missão os chama; e o mundo espera ancioso a nova doutrina.

Eil-os reunidos, pela derradeira vez, sobre o monte Calvario, em torno da cruz, convertida de instrumento que era do mais terrivel e affrontoso supplicio, em glorioso symbolo, e facho rutilante, que deve guiar as gerações á verdadeira terra da Promis-

são, como outr'ora a nuvem luminosa conduziu os israelitas atravez do deserto,

Entre elles está S. Pedro, aquelle que ha de presidir á Igreja de Deus.

Já os discipulos empunham o bordão do viajero; o caminho a seguir foi escolhido.

Um instante mais, e os doze apostolos renunciarão pelo resto de sua existencia terrestre á vida em commum, e á doce fraternidade que os ligava.

E descerão a montanha em doze direcções oppostas, e caminharão com confiança, com fervor, á conquista das almas, até o dia suspirado em que, á imitação de Jesus Christo, por premio de sua dedicação e de seus trabalhos, hão de receber a corôa do martyrio.

Eis o grandioso assumpto escolhido pelo sr. A. Gleyre, auctor do bello quadro, reproduzido na nossa gravura.

Foi de certo um elevado sentimento de arte o que inspirou a escolha d'esta scena, que se afasta dos logares communs em pintura religiosa.

Mas tambem, debaixo d'este ponto de vista, o assumpto offerencia immensas difficuldades de execução.

Para interessar, para commover, os mais seguros meios são, já o movimento, a paixão, o contraste, o brilho do colorido, como na representação dos mila-

gres, a prizão no jardim das oliveiras, a flagellação ou a crucifixão; já a graça, a belleza, como nas scenas em que se grupam o Menino Jesus, a Virgem, os anjos, e os pastores.

Mas prender a attenção, impressionar profundamente, representando apenas esses doze homens, semelhantes como irmãos, singelos no trajar, nos gestos, nas physionomias, agitados interiormente de um só pensamento, era uma empresa gigante, em que o naufragio parecia inevitavel.

O successo todavia justificou o nobre arrojado do sr. Gleyre. O seu quadro, apresentado na exposição do Louvre em 1843, é considerado como um dos melhores que tem ali apparecido nos ultimos annos.

Louva-se unanimemente n'esta notavel composição a harmonia, a arte, a philosophia que respira: as posições são bem escolhidas; as expressões variadas; os semblantes dos apóstolos revelam todos uma grande commoção interior, um profundo fervor, a sinceridade e a firmeza da fé. O desenho é de uma rara perfeição; nada esqueceu: tudo está tão acabado quanto convinha: sente-se o saber e o gosto nos menores detalhes. O mesmo colorido, agradável e verdadeiro, comprova o bom juizo artistico do pintor, que evitou cuidadosamente destruir o bello effeito da unidade, amaneirando demasiadamente o desenho, ou dando-lhe uma cor excessivamente brilhante.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

VI.

Por mais que o sultão mudasse de ministros, não melhorava o aspecto dos negocios. A difficuldade não estava na falta de homens intelligentes e activos para dar ás negociações o curso mais conveniente, e a solução mais prompta, mas sim na impossibilidade de achar meio de conciliação com quem não queria de modo algum conciliar-se.

Debalde pois se reorganizou o ministerio no dia 13 de maio, sendo encarregado Reschid pachá da pasta dos negocios estrangeiros, passando Mehemet-Ali pachá do grão-vizirato para a repartição da guerra, e confiando-se a Mustaphá pachá o cargo de grão-vizir. Em vão dirigiu Reschid pachá, dous dias depois, uma carta ao principe Menschikoff, pedindo-lhe que em attenção á importancia do objecto, e á dissolução e recomposição do gabinete, prorogasse por mais cinco dias o prazo por elle fixado para a resposta ao seu *ultimatum*, o qual expirára no dia 5.

A resposta do embaixador russo foi tão desabrida quanto insultante. Dando-se por offendido com as dilações na satisfação das suas exigencias; increpando o governo ottomano por haver injuriado o czar, suspeitando mal dos seus votos em favor da igreja greco-russiana; declarou estar terminada a sua missão, e resolvida a sua partida juntamente com toda a legação. Concluia a nota, lançando sobre os ministros do sultão toda a responsabilidade pelas consequências, que resultassem para a Turquia d'este rompimento.

Estavam finalmente a descoberto os planos da Russia. O teor d'este documento demonstrava exuberantemente, que o gabinete de S. Petersburgo só pretendia pretextos plausiveis para a aggressão armada. Depois d'aquella recusa tão formal a um pedido tão razoavel e justificado; depois de assim se patentear o proposito e ardor com que o enviado do czar procurava converter em injurias contra seu amo, não só

todos os passos dos ministros do sultão, mas até as proprias razões de politica com que estes sustentavam e defendiam os direitos de soberania e independencia do imperio ottomano; depois de tantos outros antecedentes, que davam mais força a estas circumstancias, não era licito duvidar das intenções do imperador Nicolau relativamente á Turquia.

Entretanto o principe Menschikoff, para se collocar a si e ao seu monarcha n'uma posição mais sobranceira, tratou de affectar antes de partir um efforço de conciliação. Desistindo pois do tratado, e contentando-se com que as garantias exigidas fossem exaradas em uma nota, dirigiu-se n'este sentido ao governo ottomano, enviando-lhe o projecto da nota tal qual a pretendia. N'este documento introduzira o embaixador todas as clausulas do projecto do tratado; mas com tal habilidade e subtileza as elaborára, que o protectorado da Russia não ficava menos reconhecido, nem os compromissos da Turquia menos obrigatorios, porém sim mais disfarçados os sacrificios, que se impunham ao sultão.

Não se illudiu o divan com o artificio, antes pelo contrario todos os seus membros rejeitaram unanimes a nova proposta do enviado do czar, resolvendo todavia que por decretos (*firmans*) especiaes se confirmassem os privilegios concedidos pelos sultões aos diversos ritos christãos.

Apenas o principe Menschikoff teve conhecimento indirecto d'esta resolução, redigiu uma breve nota dizendo, que constando-lhe no momento da partida, que a Sublime Porta tinha tenção de proclamar uma garantia para o exercicio dos direitos espirituales de que se acha investido o clero da igreja do Oriente, o que de facto fazia pôr em duvida a manutenção dos outros privilegios, que disfructa, «declarava que uma tal medida seria considerada pelo gabinete imperial como um acto hostil á Russia, e á sua religião.»

Sem esperar pela resposta, apresentou-se o principe em seguida no palacio do sultão, pedindo directamente, contra todas as praticas e formalidades do estylo, uma audiencia do soberano.

Não se accommodavam tantas diligencias para conseguir as pretendidas garantias com os modos irritantes por que se tratava a questão, com tantos insultos aos ministros, com tantas desattensões ao soberano, e com tão feras ameaças á nação. Comtudo esta contradicção explica-se perfeitamente. O gabinete de S. Petersburgo não queria o accordo, como já fiz ver, por isso cuidava de o estorvar, não só pela propria natureza da exigencia, mas até pela violencia dos meios empregados para a obter. Mas queria armar-se de argumentos com que demonstrasse aos olhos da Europa as suas intenções pacificas, e com que justificasse o abuso da força. Todos os documentos officiaes do gabinete russo, que posteriormente se redigiram, vêem em abono do que deixo dito, como ao diante se verá.

Apesar da maneira insolita por que fôra solicitada a audiencia, resolveu-se o sultão a receber o embaixador da Russia. Assim que este saiu do palacio imperial foi immediatamente ordenar os preparativos para a sua partida e de toda a legação russiana.

Apressou-se então o governo ottomano a informar officialmente as côrtes de Inglaterra, de França, de Austria e da Prussia, do resultado das negociações com a Russia. Em uma nota dirigida a estas quatro potencias em 26 de maio, Reschid pachá historiava resumidamente as razões que haviam impedido a Sublime Porta de satisfazer as exigencias russianas, e fazia conhecer, á vista do procedimento do principe

Menschikoff, e dos armamentos da Russia, a imperiosa necessidade em que se achava o sultão de se preparar para defender com as armas os seus direitos de soberano independente, e a integridade do seu imperio.

Poucos dias depois recebeu o ministro dos negocios estrangeiros uma carta do conde de Nesselrode, chanceller da Russia. O ministro de Nicolau I aproveitou-se habilmente dos suppostos esforços do principe Menschikoff para lançar sobre a Turquia toda a responsabilidade dos acontecimentos futuros, dizendo que este embaixador só se retirára depois de haver esgotado todos os meios possiveis de conciliação. Misturando algumas phrases amigaveis com repetidas ameaças disfarçadas em conselhos, terminava, declarando que «em poucas semanas as tropas receberiam ordem de passar as fronteiras do imperio, não para fazer a guerra, pois que repugna a S. M. emprehendel-a contra um soberano a quem sempre se comprazeu de considerar como um alliado sincero, mas sim para obter garantias materiaes até ao momento em que o governo ottomano, possuido de sentimentos mais justos, dê á Russia as garantias mores, que debalde reclama ha dous annos por meio dos seus representantes em Constantinopla, e ultimamente por via do seu embaixador.»

A resposta do gabinete ottomano foi escripta com muita moderação, mas ao mesmo tempo com bastante firmeza e dignidade. N'ella alludia Reschid pachá ao decreto que o sultão acabava de assignar, pelo qual se confirmavam de novo os privilegios, direitos e immunidades de que estava de posse a igreja grega nos dominios turcos. Mostrava exuberantemente que o sultão não podia conceder outra garantia além d'esta, mas que estava resolvido a sustental-a, e fazer observar tudo quanto n'ella se continha. Ao mais respondia de um modo a todos os respeito digno.

Esta carta foi expedida a 15 de junho. Um ou dous dias antes tinham chegado á bahia de Besika, situada ao pé do estreito dos Dardanellos, as esquadras ingleza e franceza.

Quando o principe Menschikoff chegou a Constantinopla, logo alguns membros do divan, presentindo pela arrogancia do embaixador a aproximação de acontecimentos graves, se dirigiram ao coronel Rose, então encarregado de negocios de Inglaterra na ausencia do ministro lord Strafford de Redcliffe, pedindo-lhe que mandasse chamar para as costas da Turquia a esquadra ingleza, que se achava em Malta. O encarregado de negocios deu conhecimento d'este desejo ao almirante Dundas; porém este, não se julgando auctorizado para semelhante passo, recusou-se a annuir.

O gabinete das Tulherias, apenas conheceu a natureza das exigencias russianas, mandou immediatamente a sua esquadra do Mediterraneo para o archipelago grego. Entretanto o governo inglez approvava o procedimento do almirante Dundas, e dava-lhe ordem para se conservar em Malta. Esta indifferença ou descuido da Grã-Bretanha na presença de successos que a todes se antolhavam como precursores de gravissimas complicações para a Europa, foi interpretada de diversos modos pela imprensa periodica, tanto no reino unido como fóra d'elle. Uns julgavam ver cegueira no gabinete inglez. Affigurava-se a outros, que a sua innacção era receio de um compromettimento, que lhe acarretasse uma guerra com a Russia. E tambem não faltou quem explicasse esse procedimento per connivencia com os planos do autocrata.

Assim porém que foi apresentada no parlamento britannico a correspondencia official relativa á questão do oriente, caíram por terra todas aquellas interpretações.

Entre muitos documentos importantes, dos quaes não me permite dar conta a estreiteza do espaço, appareceram varios officios de sir H. Seymour, embaixador de Inglaterra na corte de S. Petersburgo. Nos primeiros d'estes officios, datados de janeiro de 1853, mez anterior áquelle em que o principe Menschikoff foi enviado a Constantinopla, referia o embaixador inglez ao seu governo as conversações que tivera com o imperador Nicolau a respeito da Turquia.

O czar, pretendendo demonstrar que o imperio ottomano estava chegado ao ponto da sua dissolução, tratava de convencer a sir H. Seymour da necessidade que tinham a Russia e a Grã-Bretanha de se prepararem e pôrem de accôrdo para o caso de se verificar aquelle acontecimento. «A Turquia,» dizia o imperador, «tem caído gradualmente em tal estado de decrepitude, que por mais que desejemos prolongar a existencia do enfermo, (e peço-vos que acrediteis, que desejo tanto como vós, que elle continue a viver,) póde morrer de repente, e ficar-nos nos braços, e nós não podemos resuscitar quem está morto. Se o imperio turco cair, cairá para nunca mais se levantar. E então não será melhor estar preparado para uma tal eventualidade, do que deixar as cousas expostas ao chãos, á confusão, e á certeza de uma guerra europea? Pois tudo isto deverá acompanhar a catastrophe, se ella viêr inopinadamente, e antes que se tenha traçado algum plano ulterior.»

Respondendo ás objecções do embaixador inglez, que não julgava a Turquia em tão grande perigo, e que lhe parecia que ao seu governo repugnaria contrahir qualquer empenho sobre meras eventualidades, como repugnava á nação ingleza entrar em negocios de desconto sobre a successão de um antigo amigo e alliado, accrescentou o imperador: «Toda-via é da maior importancia que nos entendamos mutuamente, e que não nos deixemos surprehender pelos acontecimentos. Quero fallar-lhe como amigo e cavalheiro. Se conseguirmos, a Inglaterra e eu, chegar a um accôrdo a respeito d'este negocio, o resto pouco me importa; é indifferente para mim o que os outros fazem e pensam. Usando porém de franqueza, digo-lhe abertamente que se a Inglaterra pensa em se estabelecer um dia em Constantinopla, de modo algum consentirei n'isso. Não lhe attribuo semelhantes intenções; entretanto n'estas occasiões é melhor fallar claramente. Pela minha parte estou tambem disposto a fazer promessa de me não estabelecer ali, como proprietario se entende; pois que como depositario, não digo que não. Póde succeder que as circumstancias me obriguem a occupar Constantinopla, se não se acharem as cousas prevenidas, se se deixar correr tudo ao acaso.»

O embaixador, depois de agradecer a franqueza d'estas declarações, e o desejo que o czar mostrava de obrar de accôrdo com a Inglaterra, disse que lhe parecia que o seu governo antes se prestaria a entrar em combinações tendentes a evitar semelhante eventualidade, do que a ajustar arranjos para depois de ella ter logar.

O imperador, referindo-se a uma conversa que tivera a este respeito com o duque de Wellington, por occasião da sua viagem a Londres em 1844, repetiu o que então dissera, «que o que desejava era tomar medidas contra acontecimentos, que, em falta de ac-

córdo antecipado, o poderiam obrigar a proceder de um modo contrario ás vistas do governo de sua magestade britannica.»

A conversa pouco mais se alongou: o czar poz-lhe termo, pedindo a sir H. Seymour, que expozesse ao seu governo tudo quanto entre ambos se passára,

e que lhe dissesse que elle estava prompto para acolher quaesquer communicacões sobre esta questào.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.



A ANNUNCIACÃO DE NOSSA SENHORA.

Ecce ancilla domini. fiat mihi secundum
verbum tuum.

EVANG. SEC. LUC. CAP. I.

Seis mezes eram passados depois de Isabel conceber, quando o Senhor enviou o anjo Gabriel á cidade de Nazareth na Galiléa. Ahi morava Maria, filha de Joaquim, desposada com José.

Observando o voto de castidade, jurado antes das nupcias, ambos contavam os seus dias em paz, santificando a vida com boas obras.

Era a hora em que o sol, declinando, se inflama de abrazadas côres, e desce ao horisonte entre nuvens de ouro e purpura; e em que as sombras, trepando dos valles cheios de silencio, vão anoutecer os cumes dos montes, e na qual o brando murmurio das aguas, unindo-se ao leve susurrar das ramas das arvores, e das hervas rentes dos campos, ligeiramente bafejadas pela viração da tarde, repassam a alma d'aquella contemplativa tristeza, que não dorme, antes consola.

Terminados os trabalhos do dia, a Virgem tinha os olhos fitos nos risinhos declives das alturas, aonde está assentada Nazareth; e o seu espirito, quasi solto do véu terrestre, voava arrebatado pelos espaços de uma terna e profunda meditação. Todo o seu amor, e todos os seus extremos subiam para Deus. Embevecida, e abrindo-se candida de innocencia e fragrante de pureza, a alma fugia-lhe do mundo, sua prisão, para estudar as alturas e a serenidade do céu, aderando ás maravilhas e grandezas do Senhor.

Gabriel adiantou-se, e disse-lhe de repente: Deus te saive, Maria cheia de graça: o Senhor e contigo: bendita és tu entre as mulheres.

A vista extraordinaria de um anjo ella estremeou de pejo, e discorria pensativa, que semelhação seria es-

ta. Gabriel continuou então: Não temas; és acceita aos olhos de Deus. Conceberás e darás á luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus; e este será grande, e será chamado Filho do Altissimo. O Senhor Deus lhe dará o throno de David, seu pae; elle reinará eternamente na casa de Jacob; e o seu reino nunca terá fim.

Cada vez mais suspensa, Maria replicou: Como pode ser isso, não conhecendo eu varão?

O anjo respondeu: O Espirito Santo, descera sobre ti, e a virtude do Altissimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso mesmo o santo, que ha de nascer de ti, será chamado Filho de Deus.

E segundo o costume dos enviados de Jehovah, para lhe dar um signal em confirmação das suas promessas, accrescentou: Ahi tens Isabel, tua parenta, que até concebeu na velhice; e este é o sexto mez da que se diz esteril, porque a Deus nada é impossivel!

Maria inclinou-se, e disse ao mensageiro celeste: Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!

Desappareceu o anjo, e o Verbo fez-se carne para habitar entre nós (1).

L. A. REBILLO DA SILVA.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

II.

(1500 a 1600).

Depois de Cabot haver aportado ao continente americano, e em quanto Colon e Vespuccio exploravam igualmente a terra firme, outros navegadores saíam

1 Facto da Igreja Vol. I. pag. 178-180.

de varios portos da Europa a tentar novas descobertas n'aquelle mundo maravilhosamente achado. Vicente Yanez Pinzon, um dos companheiros do ousado genovez em 1492, foi o primeiro hespanhol que passou a linha equinocial, no anno 1500, mas não desembarcou em nenhum ponto ao sul do Amazonas. Herrera, Pedro Martyr, Robertson, Amati, e muitos outros auctores são conformes n'este ponto, contra o parecer de Southey, que lhe attribue a descoberta do Brazil. Pelo mesmo tempo Juan de la Cosa, outro habil piloto da escola de Colon, em companhia de Rodrigo de Bastidas, com dous navios hespanhoes, descobrem a terra firme desde o cabo Vela até ao golpho de Darien. Em 1501 passa Ovando á America, acompanhado de 32 naus; foi a primeira expedição em ponto grande, mandada áquellas partes pelos reis catholicos. Conta-se que, em 1504, alguns pescadores, arrojados por um temporal, descobriram o Canadá; mas as costas d'este paiz só foram reconhecidas, em 1508, por Thomaz Aubetr. Segundo o padre Cordeiro, na *Historia Insulana*, já ahí deviam ter aportado Corte-Real e Martins Homem, pelos annos de 1462 ou 1463. Na mesma epocha da viagem de Aubetr, partiu novamente de Hespanha o ousado Vicente Yanez Pinzon, em companhia do portuguez João Dias de Solis, e descobriram a península de Yucatan; d'ahi, continuando a navegar ao longo da costa, chegaram a 40 graus de latitude sul, d'onde regressaram para o norte, já em 1509. O valente navegador hespanhol, Ponce de Leon, descobre a Florida em 1512; e no seguinte anno Vasco Nunes de Balbôa, sem ser navegador, tem a fortuna de descobrir o oceano Pacifico, e ser o primeiro europeu que sulca as suas aguas, mettendo-se ao mar com espada e escudo, para tomar posse d'elle em nome dos reis de Castella. A morte sobre o cádafalso, no proprio logar das suas façanhas, foi o premio que este heroe recebeu dos importantes serviços que fez ao seu paiz!

Sebastião Cabot, filho, e companheiro de João Cabot, na viagem ao norte da America em 1497, esteve por alguns annos ao serviço de Hespanha; e voltando a Inglaterra em 1516, tomou o commando de uma expedição preparada por alguns negociantes de Bristol, e fez apparecer pela primeira vez a bandeira ingleza nos mares do sul da America. Este emprehendedor veneziano tentou depois, por tres vezes, encontrar a passagem do oriente pelo noroeste; e fallando estas diligencias procurou ainda um novo caminho pelo nordeste. A seu tempo veremos o resultado d'estes trabalhos, que elle dirigiu por meio de sabias instrucções, mas não executou pessoalmente.

Em 1517 começou o trafico infame da escravatura entre a Africa e a America, sendo mercadores genovezes os primeiros que conduziram de um a outro continente os desgraçados negros como objecto de commercio.

Outro piloto do tempo de Colon, o hespanhol Antonio Alaminos, sae de Cuba em 1517, sob as ordens de Francisco Hernandez de Cordoba, reconhece toda a península de Yucatan, e sendo perséguido barbaramente pelos indios em Potonehan, regressa a Havana; porém logo no seguinte anno, torna a seguir o mesmo rumo, para vingar a passada affronta, e descobrir novas terras. Grijalba, que commandava esta segunda expedição, ficou com a gloria de haver descoberto a Nova Hespanha, tornando immortal o seu nome, em prejuizo do habil Alaminos. Logo em 1519 voltou terceira vez, pela mesma derrota, este intelligente piloto, dirigindo a expedição commandada por Cortez contra o Mexico. Quanto ao conquistador da

Nova Hespanha, se foi heroico general em terra, não foi menos atrevido e emprehendedor maritimo. Fez todas as diligencias por encontrar a passagem do mar do norte para o sul, explorando o golpho da Florida em 1525; e no seguinte anno descobriu a península da California. Mal pensava Cortez que este paiz, desprezado por elle, continha em si mais ouro do que todo o Mexico, cujas riquezas o haviam deslumbrado!

Não podemos da mesma sorte incluir em o numero dos navegadores celebres aos dous heroicos descobridores do Perú e do Chili, porque Pizarro e Almagro chegaram a esses ricos paizes, atravessando o interior da America; porém um de seus companheiros, Francisco de Orellana, com cincoenta soldados, embarcando no rio Napo, em fevereiro de 1541, foi arrastado pela corrente para o Maranhão ou Amazonas, vindo saír ao oceano, com sete mezes de viagem, e tendo percorrido duas mil leguas de paizes desconhecidos. De volta á Hespanha elle inventou duas patranhas, que ainda hoje são acreditadas por muita gente: a existencia de *El Dorado* e da republica das amazonas.

Volvâmos porém ao anno de 1519. Em quanto Cortez desembarcava no Mexico, procurava Magalhães, e descobria emfim a desejada passagem para o mar do sul, (1) sendo reputado por todos os historiadores, nacionaes e estrangeiros, como o primeiro circumnavegador do globo, posto que não completasse o giro inteiro da terra, pelo motivo que apontamos, (2) mas sim El Cano e seus companheiros, que voltaram na *Victoria* a Hespanha. Mr. Freycinet attribue a estes aventureiros o descobrimento da ilha de Timor, em 1522; porém foram os portuguezes que ahí fizeram o primeiro estabelecimento. No mesmo anno avistou o piloto hespanhol João Bermudez as ilhas chamadas *Bermudas*, do nome do seu descobridor. Em 1524 Carvajal, hespanhol, é o segundo a passar o estreito de Magalhães, mas não fez nenhum descobrimento importante. Pelo mesmo tempo João Verazzani, florentino ao serviço de França, explora a America septentrional desde a Florida até á Terra Nova. Em 1528 Alvaro de Saavedra descobre a Nova Guiné, nos mares da Oceania. Em 1533 Hurtado e Grijalba encontram a ilha de S. Thomaz. Em 1542, descobre Gaetan as ilhas dos Reis e dos Jardins. Em 1543 explora Luiz Cabrillo o cabo Mendocino, na California; Alvarado entra no famoso rio Mississipi, da America do norte; e Villalobos descobre as ilhas Carolinas. Todos estes navegadores eram hespanhoes.

Em 1553 apparecem os nomes dos primeiros descobridores inglezes. Hugh Willoughby, commandante de uma esquadilha de duas naus e uma barca, dirigiu-se ao longo da costa da Noruega, e dobrou o cabo Norte; porém, sobrevindo uma forte tempestade, as embarcações se dispersaram. A nau de Willoughby e a barca refugiaram-se em uma enseada da Laponia russa, aonde toda a gente que as tripulava morreu de frio, diz-se que tendo antes descoberto o *Spitzberg*. A outra nau, capitaneada por Chancelour entrou no mar Branco, e passou o inverno em Archangel, trazendo de volta a Inglaterra muitas noticias do grão-ducado de Moscovia (Russia), cujo nome era apenas conhecido no occidente da Europa. Os bretões proseguiram explorando estes mares de gelo, sempre diligenciando encontrar a passagem para a India, e chegaram até á embocadura do caudaloso rio Oby.

(1) Vide o num. 9 do presente volume

(2) Idem.

Em quanto se faziam estas explorações no circulo polar, e que os hespanhoes e os portuguezes tratavam de estender o christianismo ás plagas da India, da America, e até da China e do Japão, saíam as esquadras turcas de Constantinopla, tomavam a ilha de Chypre, e dispunham-se a descer o Mediterraneo, fazendo tremer o santo padre sobre o solio pontificio. Prégou-se pois na Europa uma nova cruzada religiosa, e em setembro de 1571 reuniu-se em Messina a esquadra christã, composta de 250 galeras, e tripulada por 50:000 homens, ás ordens do *generissimo* D. João de Austria, irmão de Philippe II. O papa benzeu os estandartes das capitaneas, aonde embarcaram os celebres almirantes d'aquelle tempo, Doria, veneziano, marquez de Santa Cruz, hespanhol, e Colonna, dos estados pontificios. A esquadra turca ainda era maior; obedecia a Vchali, dey de Argel, e ao invencivel Ali-pachá, e fóra sempre victoriosa. Encontraram-se no golpho de Lepanto. As galés afer-raram-se de parte a parte, os golpes eram desapiçados, travára-se uma lucta de morte. Ali expirou, Vchali fugiu, a esquadra das meia-luas foi destroçada, e o triumpho ficou a D. João de Austria. É notavel porém que caisse um prizioneiro christão, um só, em poder dos turcos, n'uma das galeras que se escapou para Argel: esse homem era Miguel Cervantes Saavedra, o immortal auctor de *D. Quixote*.

Os descobrimentos continuaram activamente. Mendana, hespanhol, descobre em 1575 o grupo das ilhas de *Salomão*. Martin Frobisher, maritimo inglez de reputação, visita em tres viagens successivas (1576-1577-1578) as costas inhospitaveis da Groenlandia e de Labrador, e descobre o estreito do seu nome; ao mesmo tempo que outro compatriota seu, do mais subido merito, tentava seguir o trilho de Magalhães, e dar a volta á roda do mundo. Eram passados quasi sessenta annos sem que nenhum outro nauta emprehendesse a circumnavegação do globo, porém Francisco Drake cumpriu gloriosamente essa empreza. Explorou a costa da California, a ver se descobria outra passagem entre os dois mares, e chegou até 42 graus de latitude norte, d'onde o frio o fez retroceder. «Desde esta epocha, diz Robertson, crearam os inglezes que nenhuma empreza podia resistir ao seu valor e á sua habilidade. Dirigiram-se a todos os mares conhecidos pelos navegantes d'aquelle seculo, e tornaram-se rivales dos portuguezes, a nação mais celebre de então por seus brilhantes successos, e a mais acreditada na arte de navegar.» Drake descobre a *Nova Albion* e a ilhas *Elisabethides*, e depois de muitas viagens á America, e combates contra os hespanhoes, morre em Porto Bello, no anno de 1595.

Outros navegadores inglezes seguem a Drake. Em 1580 naufraga no cabo Bretão o intelligente e ousado Humphry Gilbert, que levava a mira em encontrar a passagem do noroeste, que elle tinha por certissima. Amadas e Barlow, em 1584, visitam a *Carolina do norte*, a *Virginia*, e varias ilhas da America septentrional. Davis, em 1585, descobre o estreito do seu nome, entre a Groenlandia e a terra de Cumberland; e em 1592 visita as ilhas *Malvinas*, que Magalhães descobrira provavelmente.

Thomás Cavendish passa o estreito de Magalhães em 1586, dá a volta á roda do mundo, sem fazer nenhum descobrimento, e vae morrer ao Brazil em 1591.

Por esta epocha começam as navegações dos holandezes. O primeiro que se avança para o mar do sul e entra no estreito de Magalhães, é Sebald de

Wert; toca de passagem no Chili, aporta ao Japão, e volta pelo cabo da Boa Esperança ao seu paiz, sem ter augmentado o catalogo das descobertas maritimas. A segunda expedição, partida da Hollanda em 1596, merece mais particular menção: era destinada a explorar os mares do norte.

No dia 18 de maio saíram dois navios do porto de Vlie; João Cornelisz Ryp commandava um d'elles; Heemskerke capitaneava o outro, e ia com este ultimo o chefe da expedição, Barenz, com o titulo de primeiro piloto. A 9 de junho descobriram em 74° 30' uma ilha, a que deram nome *dos Ursos*, e a 19 uma outra ilha em 80° 11' de latitude norte. No dia 29 separaram-se as duas embarcações, para buscarem novas terras a differentes rumos. Barenz e Heemskerke reconheceram a 17 de julho a *Nova-Zembla*.

Os gelos que se accumularam em roda da ilha esmagaram bem depressa o navio, que se abriu por differentes partes. Arrastando então para terra a lancha e os escaleres, estes desgraçados trataram de fazer barracas para passarem o inverno sobre a neve, e em continua vigia contra os ataques dos ursos brancos e das rapozas da mesma cor.

A 4 de novembro deixaram de ver inteiramente o sol, porém eram allumiados pela lua, que estava de continuo sobre o horisonte. Só a 24 de janeiro tornaram a contemplar o disco do astro do dia, e até 15 de abril soffreram um frio horroroso. A 14 de junho (1597) tendo desaparecido os gelos, velejaram na lancha e em outro barco, levando consigo todas as provisões que lhes restavam. A 28 de julho encontraram na bahia de S. Lourenço duas barcas russas, que nenhum soccorro lhes prestaram; e tendo atravessado o estreito de Kara, dirigiram-se ao sul, em busca da costa da Russia. Um furioso vento norte separou as duas embarcações em a noite de 13 de agosto, mas tornaram-se a encontrar poucos dias depois na costa de oeste do mar Branco, e a 2 de setembro estavam em Koola. Por uma extraordinaria coincidencia achava-se ali o navio de Cornelisz Ryp, com o qual haviam saído da Hollanda, e a bordo d'elle regressaram á patria, apenas doze dos intrepidados navegantes, porque os outros haviam morrido de frio, incluído neste numero o piloto Barenz.

Outro circumnavegador holandez, Van-Noot, passou o estreito de Magalhães em 1598, tocou nas Philippinas, e voltou á Europa já no principio do seculo immediato, sem ter feito nenhuma descoberta, mas tendo batido e roubado os navios hespanhoes que encontrou. A esse tempo já os vasos batavos e bretões eram melhores do que os hespanhoes e portuguezes, então unidos sob a mesma bandeira, e perseguidos em todos os mares por piratas christãos e musulmanos. Os nossos carpinteiros já não faziam um navio esvelto, como os patachos de guerra neerlandezes: a artilharia, que saia das nossas fundições, mal podia medir-se com a dos herejes; e elles carregavam simultaneamente as suas naus de pimenta e de bala rasa, em quanto as nossas se abarrojavam somente de especieria.

O astro de Portugal sumia-se no occaso, ao passo que novas estrellas despontavam no oriente! E rastos luminosos de sciencia deixaram apoz si muitos d'esses sóes!... Seguiremos as orbitas dos mais brilhantes.

(Continua.)

F. M. BORDALO.

A ESTATUA DE ESTANHO.

III.

Nos dias seguintes renovaram-se as mesmas surpresas. Não somente não invisível velava sobre sir Ricardo, mas até os seus mínimos desejos eram satisfeitos apenas os enunciava; e muitas vezes de modo que nem Stamps, nem Isabel podiam suspeitar como assim se fizera. O lord, com quanto houvesse zombado ao principio da explicação do caseiro, começava a sentir-se abalado, mau grado seu.

Bastantes vezes fitava os olhos n'aquella imagem singular; e, ou fosse por hallucinação, ou por effeito de um resto das superstições infantís, parecia-lhe achar o quer que é de animado na sua immobildade.

Da sua parte, miss Helena, que recorrera ao mysterio por prudencia, acabára por tomar-lhe decidido gosto. O papel de bemfazeja feiticeira deliciava-a, e entretinha-a na solidão em que vivia.

Acabava a gentil menina de entrar no corredor escuso, que conduzia á bibliotheca, para pôr em cima da carteira de seu primo lapis de côres, destinados a desenhar allegorias (era uma das occupaões favoritas da nobreza elegante da epocha, e sir Ricardo exprimira na vespera certo pezar de não poder entregar-se a este exercicio); miss Helena ía mesmo a chegar á porta secreta, quando sentiu os passos de Ricardo.

O joven lord entrava então de feito na bibliotheca, seguido de Stamps, que parecia fazer-lhe observaões.

—Mas, milord, estaes bem certo de que não correis perigo algum? dizia o caseiro. Não receiaes alguma entrega do tal capitão hollandez?

—Os Percotts asseveraram-me que elle já tinha passado para França muitos cavalleiros fugitivos, replicou sir Ricardo.

—Então milord está decidido a emigrar?

—Não ha outro remedio; das armas nada posso esperar. Fallei com todos os realistas do districto: embainharam as suas espadas, e guardam-nas para melhor occasião. Esperem elles aqui, pois que o podem fazer. Mas eu é que não devo ficar, porque me sairia caro o negocio...

—E aonde vae milord embarcar?

—Na angra pequena; a lancha ha-de-me ali ir buscar.

—E quando?

—Na maré d'esta noute.

Sentiu-se um pequeno arruido por detraz dos dous interlocutores, que voltaram a cabeça ao mesmo tempo.

—Que foi isto, milord? perguntou Stamps, assustado.

—Não sei, respondeu sir Ricardo, surprehendido; pareceu-me porém ouvir como um grito abafado.

—Milord tambem ouviu?

—Sim, ali, ao pé da estatua.

O caseiro travou do braço de seu amo, e disse em voz baixa:

—Milord, não foi senão a estatua; era capaz de o jurar!

—A estatua? historias!

—Tão certo como eu estar aqui!

—Mas se fosse, que tinha isso?

—Que tinha? Quem sabe se se escandalisará de procurardes outra protecção que não a d'ella!

—Ora vamos! tu parece-me que não andas bom

de cabeça! tornou sir Ricardo. Trata de reunir tudo o que me pertence, e de arranjar a minha mala.

Dizendo isto o joven lord virou-se para a carteira, onde consultou alguns apontamentos que redigira na vespera; em quanto Stamps começava a ajuntar os objectos espalhados por cima dos moveis; mas fazia-o com vagar, e visível repugnancia, repetindo que sir Ricardo ia escandalisar a poderosa protectora dos Lennark, e que ella nunca lhe perdoaria semelhante offensa.

—Então que o diga claramente, bradou Ricardo, a rir-se.

Interrompeu-o o choque de um corpo mui leve caindo no chão. Virou-se, e viu aos pés da estatua um papel dobrado. Ergueu-o e abriu-o; continha estas unicas palavras, escriptas a lapis: *Ficac, eu o ordeno.*

O espanto de sir Ricardo só poderia então comparar-se ao terror manifestado por Stamps, que recuára até a outra extremidade da casa, e mirava o papel cabalístico com olhos pasmados. O joven lord, depois de seismar um momento d'onde lhe podia vir aquelle papel, pareceu desistir do intento de o comprehender, e disse em voz alta:

—Quem quer que sejas que velas sobre mim, eu te agradeço: estou prompto a obedecer-te, e vou immediatamente declarar ao Prescott que já não quero emigrar.

De feito, proferidas estas palavras, pegou no chapéu e na espada, e saiu acompanhado pelo caseiro.

Apenas miss Helena voltára ao seu quarto, veio prevenil-a Isabel de que acabava de chegar o mordomo.

Trazia este um masso de papeis, dirigido por sir Croffort a sua filha. Abriu-o miss Helena immediatamente; entre varios diplomas officiaes, vinha a seguinte carta de sir Williams:

«Querida filha.

«Os documentos juntos explicar-te-hão a demora da minha resposta. Foi preciso tempo para os solicitar, e para os obter. Manda-os entregar a teu primo, sir Ricardo, e depois parte immediatamente com o Peters para Edimburgo.

«Teu pae que muito te preza

Williams Croffort.

A donzella lançou os olhos para os papeis que acompanhavam a carta, e soltou um grito de alegria: era o perdão concedido a sir Ricardo pelo protector, e a restituição de todos os seus bens feita por sir Williams. Em uma cota escripta por este se declarava que os não reclamára na occasião do confisco senão para os poder conservar a seu sobrinho.

Miss Helena, delirante de contentamento, pegou n'uma luz, pois já havia anoutecido, e correu á bibliotheca. Quando a viu só é que se lembrou que seu primo tinha saído. Occorreu-lhe ao principio esperal-o, e ser ella propria a que lhe entregasse os dous preciosos documentos. Lembrou-lhe depois, que fazendo-se mensageira d'aquelle duplicado beneficio, pareceria solicitar o reconhecimento de sir Ricardo.

No primeiro transporte de alegria, poderia ser que o nobre cavalleiro não achasse outro meio de lhe agradecer senão o de offerecer-lhe o seu nome e a sua fortuna; mas quem sabe se mais tarde teria de arrepende-se d'esta especie de violencia feita ao seu coração! O mais prudente e o mais digno era pois dar-lhe tempo de reflectir, continuando envolta no mysterio a pessoa a quem devia tantas finezas.

Resignou-se portanto, custando-lhe sim, mas com firmeza. Renunciando ao prazer de presenciar a abe-

gria d'aquelle que tão estremecidamente amava, poz em cima da carteira os dous pergaminhos, e dirigiu-se para a passagem secreta.

Pouco depois entrou o joven lord na bibliotheca. Parecia vivamente preocupado; deu duas voltas em roda do aposento, e depois dirigiu-se machinalmente á carteira, em cima da qual miss Helena deixára a luz que havia trazido do seu quarto. Os diplomas, escriptos em pergaminho, e com os competentes sellos vermelhos, chamaram desde logo a sua attenção. Agitado de um favoravel presentimento, pégou-lhe com sobresalto: apenas lera porém duas ou tres linhas saltou uma exclamação de surpresa. A razão vacillou-lhe por um momento. Tornou a ler para verificar se se havia ou não enganado, examinou as assignaturas, e os sellos; tudo estava na devida fórma. Mas quando observou a cota escripta pelo proprio punho de sir Croffort, todas as duvidas se lhe desvaneceram. O que julgára ter perdido em consequencia da guerra, restituia-lh'o a generosidade de um parente, que até então considerára como inimigo.

E sir Ricardo, que resistira impavido a toda a especie de provações e desgostos, quasi succumbiu á commoção causada por um acto de tanta lealdade; arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas; agarrou nos pergaminhos, e voltando-se para a estatua de estanho, n'um impeto de sensibilidade apaixonada, exclamou:

— Ah! se é verdade que me proteges, e que te devo tudo quanto ha dias me ha succedido de afortunado, anjo, ou demonio, quem quer que sejas, acaba a tua obra! Restituiste-me a minha patria e os meus bens; faz com que eu possa readquirir aquillo que sómente dará valor a tudo isto; restitue-me o amor da mulher, que me havia sido promettida!

Respondeu-lhe um suspiro... mas suspiro de um coração que arfava de inusitada ternura. Sir Ricardo viu abrir-se mansamente uma porta; e sua interessante prima, com o semblante banhado em dulcissimo pranto, e os labios entre abertos por um meigo sorriso, veio lançar-se-lhe nos braços.

Um mez depois, sir Ricardo e miss Helena contrahiam os doces laços do hymeneu na capella do castello, em presença de toda a familia. João Stamps, a quem nunca revelaram o segredo da porta secreta, ficou sempre persuadido de que tudo fôra devido á bemfazeja influencia da estatua de estanho; mas cada vez que se fallava n'isso, sir Ricardo olhava para lady Helena, e sorria-se.

CONSERVAÇÃO DOS INSTRUMENTOS ARATÓBIOS.

Todas as economias, por pequenas que sejam, tem sua importancia em agricultura. É por isso que se recommenda o seguinte processo, que é aliás mui simples, e de uma efficacia reconhecida.

Esfreguem-se, depois de haverem servido, os instrumentos e utensilios agricolas com um pedaço de pano de linho molhado em oleo siccativo quente. Seccando em pouco tempo, esse oleo fórma uma especie de capa de verniz sobre a madeira e sobre o ferro: penetrando a madeira, faz com que não rache, e a preserva da chuva e do sol, tão bem como a pintura. Do mesmo modo o ferro preparado não se oxyda. Cumpre que se empreguem unicamente os oleos de linhaça ou de noz, que são siccativos. O azeite de oliveira não convem, porque não secca.

EMPREGO VANTAJOSO DA FARINHA DE FAVAS.

A carestia dos cereaes, ameaçando a subsistencia das classes proletarias, torna interessantes todas aquellas tentativas que tem por fim o aproveitamento de substancias, que podem concorrer para baratear o preço das que mais ordinariamente servem á alimentação do povo.

A farinha de favas apparece agora muito recommendada em França para este fim.

Cumpre notar que a mistura da farinha de fava á de trigo não é cousa nova. Plinio, assevera que o uso d'esta farinha era mui commum na antiguidade.

Está demonstrado que a mistura da fava favorece a fermentação, dá elasticidade á massa, e torna o pão de um sabor muito agradável.

O sr. Payen, diz que as favas são mais ricas em substancias azotadas e gordurentas que os cereaes, constituindo sem duvida um dos alimentos vegetaes mais completos.

Por observações escrupulosas conheceu-se tambem que é possivel preparar um pão bem amassado, de boa apparencia, e optimo gosto, com a addição de 10, 15 e 20 por cento da quantidade de trigo empregado.

É notorio que em Portugal não ha escacez de fava; e posto que seja muito procurada para o penso dos animaes, ainda assim o seu preço é bastante inferior ao do milho e dos outros cereaes. Parece-nos pois que não será desacertado aproveitar na panificação a farinha de fava, e mórmente da fava miuda; porque d'este modo se poderá fabricar em certas localidades pão consideravelmente mais barato do que o commum.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alvès; Bahia, a sr.ª Viuva Carvalho & F.º